

Sobre bebês e larvas

*Emilio Rodrigué**

O bebê abre os olhos, e como Deus, cria o mundo. Está no umbigo de seu universo. O corpo vai se construindo a partir desse umbigo, como **cuadra** a todo umbigo. O bebê projeta na tela do seu psiquismo, que é a tela do cosmo, toda uma assombrosa constelação de operações particulares, verdadeiro precipitado de formas emprestadas desse outro primordial que é a mãe, somado ao efeito fenotípico de seu DNA. Ele já tem memória filogenética, agora iniciará sua memória epigenética, memória que começa com a amnésia desse Big Bang que foi seu nascimento. Por trás do véu amnésico está a vida intrauterina, a misteriosa pré-história do homem. Esse estado está caracterizado pelo nirvana da manutenção contínua e a intimidade fora do tempo, sem o tempo. Cada dia que passa sabemos mais sobre esses nove meses em que o feto, como disse Haeckel, reproduz a filogenia zoológica, passando a ser bactéria, ameba, **larva**, peixe assexuado, e finalmente mamífero. Para nós é, efetivamente, um Paraíso Perdido. O mês passado me inteirei que nosso antepassado primordial, uma bactéria chamada Luca, nasceu há um bilhão de anos.

Muitos de nossos dramas se remontam a esse parto que nos expulsou do nirvana e que nos leva à busca contínua de uma placenta protética, imaginária, causa primeira de mil simbioses enganadoras. Trauma bíblico donde somos expulsos com suor e lágrimas. Otto Rank concebeu o parto como momento fundante. Seu livro foi publicado em 1923 e obteve a rápida aceitação de Freud que escreve a Ferenczi: “... esse livro é o mais importante progresso desde o descobrimento da psicanálise”. Seria simplório dizer que o trauma do nascimento nasce do trauma da guerra, mas como não pode deixar de ser, a Primeira Guerra Mundial comoveu o **tutano** do pensamento europeu, da psicanálise especialmente. Como bem o colocou Marion Milner, no jardim da libido floresceu o instinto de morte.

O trauma de nascimento pressupõe que o nascimento deixa uma marca indelével no ex feto, um registro somático, uma primeira morte que brinda uma ressonância psicológica e, portanto, histórica. Vale recordar que angústia vem de estreito, talvez também uma referência à passagem do feto pela passagem pélvica.

Objetou-se, com a lógica da ingenuidade, que os bebês cesarianos não teriam trauma de nascimento, mas a “viagem vaginal”, como a chamam os tocólogos antigos, é só um epifenômeno do momento em que a mãe expulsa o filho, que passa da água ao ar e berra para inflar os pulmões.

A teoria do trauma do nascimento recorda bastante a teoria do Big Bang. Ambas pressupõem que tudo aconteceu no minuto inicial e o restante se deu por acréscimo **anandidura** com a lógica de um silogismo telúrico. Pode ser, é curioso, a ponto de ser irônico é que temos mais fatos, sabemos mais sobre o Big Bang cósmico que sobre o Big Bang dos tocólogos. E digo isso para assinalar que nossos conhecimentos sobre o desenvolvimento do homem são muito precários e o perigo de derrapar teoricamente é grande.

A psicologia propriamente dita, começa com o moisés. O berço é o terrário onde a cria se

adapta às suas novas condições de existência. No princípio o bebê é um ser supino, que apenas se move, exceto quando chora. Ele é “o tesouro da mamãe”, um “ursinho de pelúcia” aos olhos dos pais; uma larva se pensarmos em termos de desenvolvimento inacabado. Um marasmo de cocô e lágrimas, diria Borges. Precisa ser alimentado, e acalentado. Abandonado, morre antes do amanhecer de um novo dia.

Passado o sexto mês, a larva começa a engatinhar pelos corredores, entretanto não tenta se pôr de pé e **farfulla** ocasionalmente no circo de **nursery**. Os pais batem palmas. A cena está montada, de repente o bebê se encontra frente ao espelho. O espelho sempre esteve presente, mas chega a hora em que a cria, ao invés de passar ao largo, se detém, seu olhar fixo nesse olhar que o olha fixamente. Então ele ri jubilosamente - nos informa Lacan – é a primeira vez que vê sua imagem, mas a surpresa é que está além, atrás do espelho e, por conseguinte, alienada. Dessa forma projetada, alienada, o sujeito assume consistência imaginária. Esse é o bebê lacaniano.

O bebê kleiniano é menos fenomenológico. Aqui se trata de um somatório de “estados de fantasias” onde a cria, que já foi partes soltas, literalmente “descuartizadas”, um quebra-cabeças de nariz, olhos, unhas, logo começa a sintetizar-se a partir da visão unificada da mãe; ou seja, a mãe como **tutor** que o totaliza. A essa altura ambos bebês deixam de ser larvas, começando o lento caminho da subjetividade.

E o bebê freudiano?

Aqui a coisa se complica. Parece-me mais ilustrativo pensar em três bebês freudianos. O primeiro deles foi batizado em 1905, na ocasião dos três ensaios para uma teoria sexual. Esse bebê era um estranho híbrido, fruto do passado com um revolucionário presente. Freud fala da “disposição perverso polimorfa” da criança (ou do infante?), e essa frase pode parecer enganadora, quando tomada fora do contexto. Na realidade foi um bebê transicional, herdeiro da teoria da sedução. Freud escreve: “É muito interessante comprovar que sob a influência da sedução a criança pode fazer-se polimorficamente perversa; quer dizer, ser induzido a toda classe de extralimitação sexual”. Isso quer dizer que Freud ainda não havia abandonada a crença na inocência original da criança, própria da teoria da sedução. A criança originariamente pura é seduzida. Essa é a parte preconceituosa de Freud que se reflete no parágrafo seguinte: “A criança se conduz nesses casos igual ao tipo de mulher pouco educada, na qual perdura, através de toda vida, dita disposição polimorfa perversa, podendo conservar-se normalmente sexual, mas também aceitar a direção de um hábil sedutor e gostar de toda classe de perversões, adaptando-as à sua atividade sexual.

Essa disposição polimorfa e, portanto infantil, é utilizada pela prostituta para suas atividades profissionais...

Um segundo bebê, que vai emergindo nas sucessivas edições de Os três ensaios, é o bebê de um Freud inspirado em Fliess. Nesse ponto, Fliess, com sua teoria da bissexualidade, estava adiantado em relação a Freud que recentemente, na sexta edição em 1926, fala das tendências perversas inatas da criança.

O terceiro bebê é o Magnífico Juanito, o Menino dos Cavalos.

Lembrem do seguinte Metálogo:

Juanito: Mamãe, você tem um *Wiwi-macher*?

Mãe: Sim, tenho. Porque?

Juanito: Por nada, por nada... Estava pensando.

Essa foi a primeira anotação registrada no diário clínico de Max Graf, o pai de Juanito, que entretanto não havia completado três anos de idade. E é uma anotação significativa, esse inquérito sobre o *wiwi-macher* feminino. Sabemos por Rank que a angústia de castração foi o tema mais debatido nas reuniões das Quartas na época. Freud e também Adler estavam postulando as novas bases da educação sexual infantil. Sua bandeira era a liberação sexual. Mas isso me leva a uma digressão divertida que conto em minha biografia de Freud. Em 1902 Freud com sua família vão veranejar em Koenigsee, terra alta dos Elderweiss. A família toma banho em uma praia que tem cabines. Martin Freud e um amigo descobrem frestas entre as tábuas das cabines e começam a espiar as banhistas. Um vigia os surpreende e ameaça falar com os pais desses incipientes *voyeuristas*. Martin Freud rememora: “A ameaça do vigia não me alarmou. Meu pai sem dúvida riria. Lembro que antes desse episódio houve uma discussão em família sobre gado e meu pai descobriu que nenhum dos seus filhos fazia a distinção entre um touro e um boi. “Devem aprender essas coisas”, exclamou, mas como a maioria dos pais, nada fez a respeito. Daí o lamento do filho: “se o pai tivesse lhe contado nossa façanha, meu pai teria que nos explicar”

Conclusão: nesse ano de 1902, ano em que Os Três Ensaios estava sendo cozinhado a todo vapor, Martin Freud, aos 13 anos de idade não sabia a diferença entre touro e boi. Talvez, porque essa história tem um curioso epílogo. Quando contei essa história a Belén, minha filha mais velha, casada e com dois filhos, ela respondeu rindo: “Mas papai, se você fez o mesmo comigo!”. Bem, isso me parece pouco provável, eu lembro ter falado com Belén. É possível, então, que esse seja um mito dos filhos. Tanto Belén como Martin reprimiram a informação, sem dúvida balbuciante, que nós os pais os proporcionamos. Não sei, você decide.

Juanito foi um **destello** genial, Freud pinta o menino com um realismo logicamente superior ao dos Três Ensaios e, ao mesmo tempo, mostra o perigo dessa pedagogia psicanalítica. Juanito foi um menino super estimulado pelos pais, Juanito, cujo nome é Herbert Graf, dá a entender em sua autobiografia, “Memórias de um homem invisível”, foi um menino super mimado. Talvez um pioneiro de toda uma geração de crianças insuportáveis da burguesia da segunda metade do século passado.

Agora passemos ao quarto bebê freudiano, conhecido como o Menino dos Abutres. Vocês recordam a passagem de “Uma lembrança infantil de Leonardo da Vinci”, onde aparece um abutre posando em sua cama, introduzindo seu rabo na boca do menino. Esse é um dos grandes textos de Freud, que nos oferece chaves sobre o processo de criação. Poucos textos apresentam tal riqueza de elementos teóricos; alguns deles em estados práticos e só depois teorizados por Freud: 1º - aqui aparece pela primeira vez o bebê narcisista, amplamente elaborado; 2º - a relação entre inconsciente e produção artística, e distintas formas de retorno do reprimido; 3º - as teorias sexuais infantis e a novela familiar; 4º - a eleição de objeto; 5º - o problema da mãe fálica e sua relação com a homossexualidade.

O quarto bebê de Freud é o bebê narcisista, perverso e genial.

Detivemo-nos nesses “bebês” para mostrar o óbvio: cada geração vê o que pode vê, e isso se aplica em especial para a versão de Freud e Abraham sobre as etapas - oral, anal, genital – do desenvolvimento da libido, contraste com o bebê “desconstruído” do pós-guerra que pinta Melanie Klein em 1920.

Quando alguém lê *As oito idades do homem*, de Erikson, tem-se a impressão que o cronograma do desenvolvimento é demasiadamente bem organizado e tranquilo.

A criança eriksoniana seria atualmente um aluno modelo, o primeiro da classe. Erikson, discípulo de Anna Freud, conheceu suas crianças na década de 30 e aproveitou esse fato para fazer minha primeira observação polêmica. A criança de 1930 é estruturalmente diferente da criança atual. Passando para o outro lado, com Daniel Gil, o papai atual não é o mesmo que o papai d em um século atrás.

Uma coisa é chamativa: tanto a criança freudiana, como a annafreudiana, como a kleiniana, parece que nunca foram à escola. Teorizou-se muito pouco, nos fóruns analíticos, sobre o impacto da alfabetização, o impacto da letra que marca; essa grande ferramenta que tem o fio do sabre **cimitarra** mais afiado. Há exceções, evidentemente, como Lacan, e Maud Mannoni, mas nem Winnicott se salva. Piaget seria a noiva ideal de Freud.

O jogo é o cenário da criança pré-edípica. E aqui queria mencionar um trabalho meu, escrito há muito tempo, mas que me parece válido. Chama-se “*A Interpretação Lúdica*”. Para esse fim propunha repensar o tema da atenção do analista. Recordam o que Freud disse sobre a *Atenção Flutuante* em seu artigo “*Conselhos para médicos*”: se trata da atenção não seletiva e flutuante como o **corcho** à deriva na vara do pescador, sua passividade a faz sensível ao estímulo externo. A atenção lúdica, proposta por mim, entranhava uma certa atividade dirigida sobre o jogo. Essa atividade consistia em arremedar ou acompanhar o jogo da criança. Por exemplo, uma criança modela uma mulher com pinta de mãe, eu tomo em paralelo um pedaço de massa e a modela. A criança enfia um sabre no ventre do boneco e retrocede, surpreendido. Dou-me conta que a massa está muito macia, o que me leva a exclamar:

“Como foi fácil”!

O brinquedo proporciona uma linguagem densa, que deixa pistas contratransferências. Cria-me, a atenção flutuante do analista de crianças é diferente da atenção do analista de adultos.

*Nota: esse artigo pertence ao livro intitulado *O LIVRO DOS ENCONTROS*.

Tradução Maria Auxiliadora Mascarenhas Fernandes.